

EDITORA

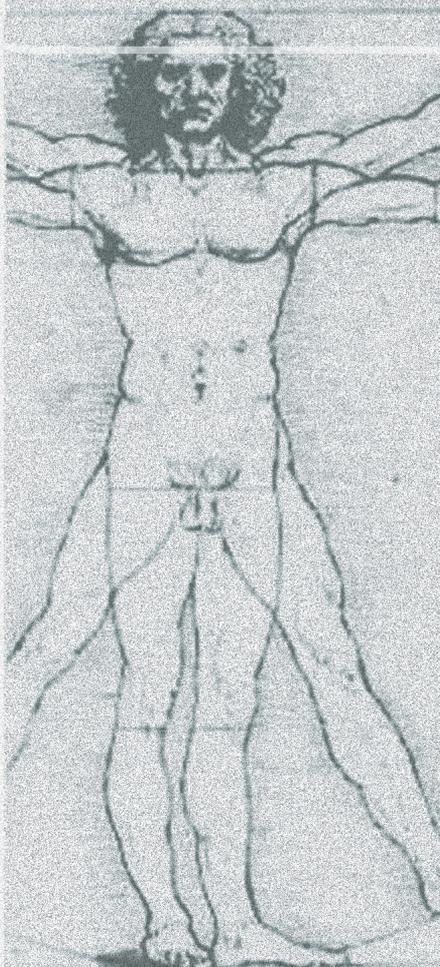


**UnB**

# **NARRATIVAS SOBRE O CORPO**

## Educação, arte e sociedade

**Juliana Rochet**  
(organizadora)



 **EXTENSÃO  
INSURGENTE**



**Universidade de Brasília**

**Reitora** : Márcia Abrahão Moura  
**Vice-Reitor** : Enrique Huelva

EDITORA



**UnB**

**Diretora** : Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** : Germana Henriques Pereira (Presidente)  
: Ana Flávia Magalhães Pinto  
: Andrey Rosenthal Schlee  
: César Lignelli  
: Fernando César Lima Leite  
: Gabriela Neves Delgado  
: Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
: Liliane de Almeida Maia  
: Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
: Roberto Brandão Cavalcanti  
: Sely Maria de Souza Costa

EDITORA



**UnB**

# **NARRATIVAS SOBRE O CORPO**

**Educação, arte e sociedade**

Juliana Rochet  
(organizadora)

 **EXTENSÃO  
INSURGENTE**

**Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais**

<b>Coordenação geral</b>	Thiago Affonso Silva de Almeida
<b>Consultor de produção editorial</b>	Percio Savio Romualdo Da Silva
<b>Coordenação de revisão</b>	Denise Pimenta de Oliveira
<b>Coordenação de design</b>	Cláudia Barbosa Dias
<b>Revisão</b>	Guilherme de Miranda Marto
	Lara Andressa da Silva Carvalho
<b>Diagramação</b>	Uilca-Terra R. M. M. Martins
<b>Imagem de capa</b>	Homem Vitruviano de Leonardo Da Vinci

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:  
Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Site: [www.editora.unb.br](http://www.editora.unb.br)  
E-mail: [contatoeditora@unb.br](mailto:contatoeditora@unb.br)

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

---

N234            Narrativas sobre o corpo [recurso eletrônico] :  
                      educação, arte e sociedade / Juliana Rochet  
                      (organizadora). – Brasília : Editora  
                      Universidade de Brasília, 2024.  
                      79 p.

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-271-2.

1. Extensão universitária. 2. Arte. 3.  
Educação. I. Rochet, Juliana (org.).

CDU 374.72



# Sumário

---

---

## Prelúdio 7

**Apresentação:** educação como prática de (ex)posição 9

Juliana Rochet

**A “invenção de si” no trabalho das imagens:**  
temporalidades, arte, corpo e sociedade 15

Edson Farias e Juliana Rochet

---

## Interlúdio 29

**Escrita imersiva em reverberações do Ciclo de Formações**

**Diálogos Universidade-Escola:** um relato de experiência  
da Escola Parque da Natureza de Brazlândia 31

Edinéia Alves Cruz, Lucas de Souza Amador, Mirelle Pereira Nascimento, Rogério Gomes dos Santos e Orlando Pereira dos Santos

**O corpo na UnB 39**

Leilane Reboredo de Castro

**Cá entre nós:** um espaço para partilha de *poiesis* e *aesthesis* 47

Alice Fátima Martins

**Do contar histórias em poéticas da intimidade 55**

Leticia Liesenfeld Erdtmann

**Vivência na dança, o corpo que se reconta 65**

Emilie Sugai



---

## Poslúdio 73

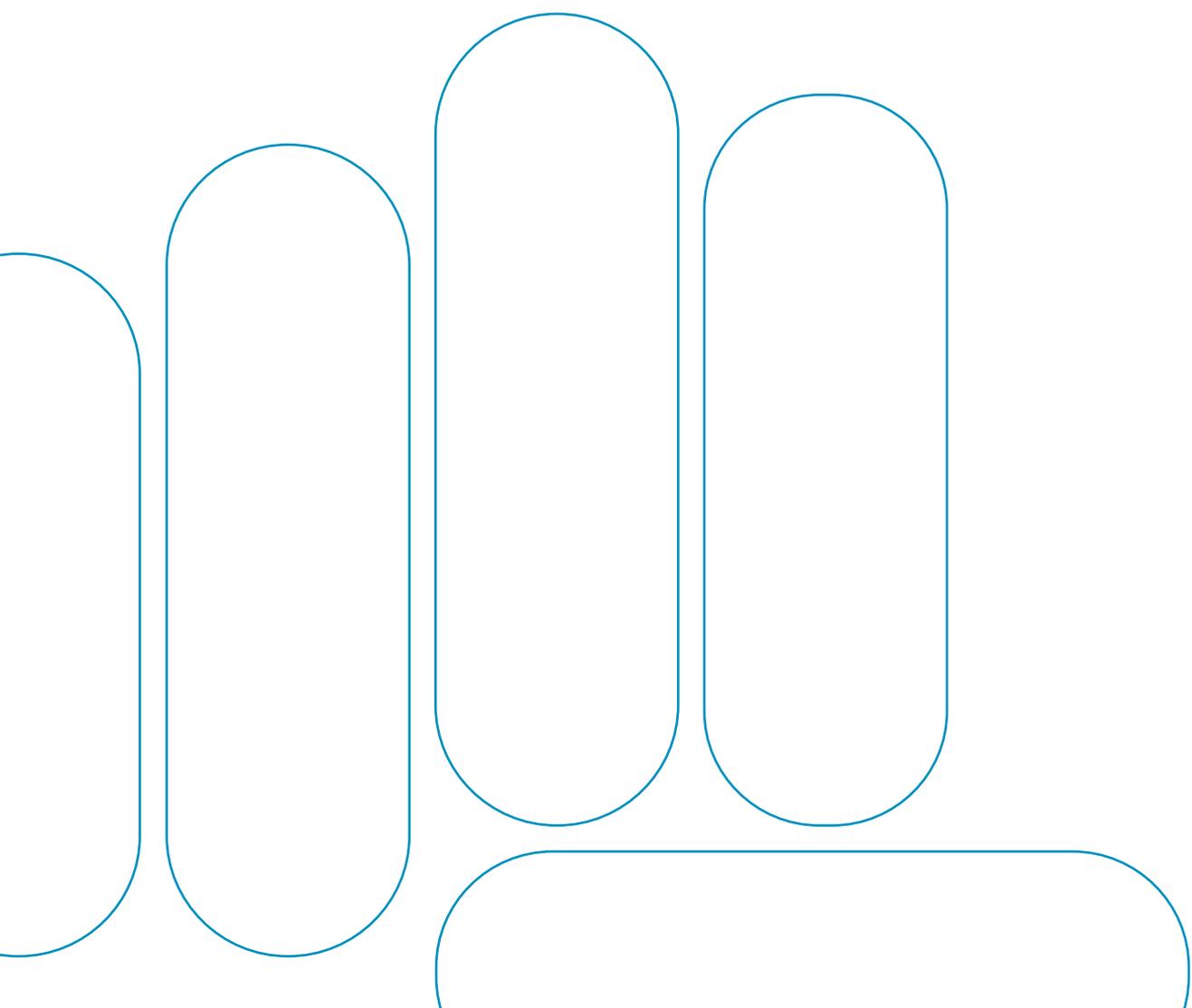
**Considerações finais:** Um olhar “sentipensante”  
sobre o saber-fazer extensionista 75

Ana Cláudia Ofuji, Andreia Priscila Borges Costa e Kamilla Torres

# Prelúdio

*Para compor um tratado de passarinhos  
É preciso por primeiro que haja um rio com árvores e palmeiras nas margens.  
E dentro dos quintais das casas que haja pelo menos goiabeiras.  
E que haja por perto brejos e iguarias de brejos.  
É preciso que haja insetos para os passarinhos.  
Insetos de pau sobretudo que são os mais palatáveis.  
A presença de libélulas seria uma boa.  
O azul é muito importante na vida dos passarinhos  
Porque os passarinhos precisam antes de belos ser eternos.  
Eternos que nem uma fuga de Bach.*

*De passarinhos*  
Manoel de Barros





# Apresentação: educação como prática de (ex)posição

*Juliana Rochet<sup>1</sup>*



Esta coletânea foi organizada com base nos diálogos interdisciplinares construídos em torno do projeto de extensão O mais profundo é a pele, coordenado por docentes e pesquisadoras que integram o Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte (Labeca)<sup>2</sup> e a ação de extensão Diálogos Universidade-Escola. O projeto teve início no mês de agosto de 2022 e contou com diversas parcerias no decorrer de sua execução, além do valioso apoio institucional da Diretoria de Difusão Cultural do Decanato de Extensão da Universidade de Brasília (DDC/DEX/UnB) – por meio do Edital Casas Universitárias de Cultura (CUC 2022) – e da Fundação Darcy Ribeiro (Fundar).

O título que deu nome ao projeto é um verso do poeta Paul Valéry. A pele é o maior e o mais pesado órgão do corpo humano. Ela define o limiar, sempre movediço e poroso, entre o corpo e o mundo. Desde dentro, talvez seja a última passagem. Desde fora, quem sabe, o primeiro senso de superfície entre o limite e o ilimitado. Entre o eu e o que convencionamos a chamar de “outro”. Entre o humano e o não humano. Entre corpos, subjetividades e identidades, com suas múltiplas peles e liminaridades. Entre diferenças e desigualdades. Entre alteridades.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade de Brasília (UnB) no curso de Licenciatura em Educação do Campo e no Mestrado Profissional em Sustentabilidade junto a Povos e Territórios Tradicionais. Tem experiência nas áreas de formação de professores, antropologia da educação, cultura e memória. Desenvolve pesquisas, experimentos educativos e produtos visuais relacionados com as narrativas, saberes-fazeres tradicionais e contemporâneos. Líder do Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte (Labeca/UnB/CNPq). Coordenadora do projeto de extensão Diálogos Universidade-Escola.

<sup>2</sup> O Laboratório Interdisciplinar de Educação, Cultura & Arte (Labeca), vinculado à Universidade de Brasília (UnB), integra o Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq). Tem como objetivo a realização de vivências, estudos e pesquisas interdisciplinares voltadas para a compreensão dos múltiplos processos educativos em interface com expressões criativas e linguagens artísticas. A iniciativa almeja integrar pesquisadores(as), educadores(as), técnicos(as) e estudantes ligados à UnB, às escolas públicas de ensino básico, às comunidades e a outras instituições e grupos de ensino e pesquisa, e articula três linhas de pesquisa complementares, que também funcionam como núcleos de vivências, experimentação e criação: i) Educação, Interculturalidade e Direitos Humanos; ii) Educação, Criatividade e Linguagens Artísticas; e iii) Educação, Comunicação e Cultura.

Pensar uma ação de extensão nestes termos tinha pelo menos dois propósitos: acionar sensibilidades e poéticas após um longo período de distanciamento e luto social em razão da pandemia da covid-19; e lançar um convite empático para o retorno à convivialidade, para a volta dos encontros e partilhas que ocorrem em temporalidades e espacialidades concretas, olho a olho e pele a pele, no chão de diferentes territórios educativos.

Tratou-se, num primeiro momento, de construir um projeto que fosse capaz de gerar uma abertura para reflexão e experimentação em torno da valorização do papel ativo do corpo e das materialidades na construção da experiência educativa em suas dimensões teórica, metodológica e epistemológica. Nascia, num segundo momento, a Jornada Poéticas do Corpo como resultado da prática extensionista, que se constrói e reconstrói permanentemente na interação dialógica da universidade com pessoas, territórios, coletivos e instituições.

A Jornada foi então alinhavada como um evento de longa duração integrada ao projeto O mais profundo é a pele e concebida como um amálgama capaz de conectar pensamento e ato por meio de um conjunto de mesas redondas virtuais, e também da prática de ateliês presenciais de manualidades vinculados ao Memorial Darcy Ribeiro (Beijódromo/UnB). Destinava-se a mobilizar saberes-fazer que passam *no* e *pelo* corpo, entrelaçando no espaço da universidade e da escola diferentes paisagens, olhares e percursos.

Um corpo plural, político, ético e estético, material e simbólico. Um corpo que sente, sabe e faz; que questiona dualidades, que desestabiliza fronteiras, que percorre, que se relaciona, que atravessa e é atravessado; que cria e recria por meio dos afetos, dos gestos, da performance, do som e do silêncio, da pausa e do movimento. Mas o que é esse corpo? O que pode esse corpo? As respostas são cada vez menos óbvias – e mais provisórias –, à medida em que nos dispomos a percorrer abordagens, experiências artísticas e práticas cotidianas diversas. Ao final, a proposta era menos responder perguntas e mais aproximar-se do profundo da pele que habitamos no mundo, e à margem dele. Afinal, a pele guarda a indelével ação do tempo e suas marcas, a memória de tudo e todos que nos percorre e nos atravessa.

Se, por um lado, as mesas redondas abriam um diálogo plural sobre o corpo a partir de abordagens e relatos de experiências de artistas, pesquisadores(as) e professores(as) vinculados a diversas áreas do conhecimento, os ateliês de manualidades têxteis cavoucavam passagens para experimentá-las e reinventá-las, construindo epistemologias corporificadas não orientadas tão somente para a abstração e a textualização escrita, mas para a mediação estética, ética e epistemológica entre o corpo e a linguagem, entre o texto e o tecido.

Desde o início, a Jornada dirigia-se não apenas às comunidades educativas da Universidade de Brasília e da Escola Parque da Natureza de Brazlândia, esta última longeva parceira de projetos e ações, mas também para professores(as), pesquisadores(as), estudantes, técnicos(as), artistas e qualquer pessoa interessada em conhecer, investigar, produzir e aplicar conhecimentos e saberes sobre o tema.

Conhecer e habitar a teoria, mobilizar o corpo, criar e recriar significados a partir do sensível, experimentar e compartilhar repertório teórico-metodológico e vivencial para formação humana, profissional e pedagógica. Aí estava o eixo norteador de todo trabalho

da Jornada Poéticas do Corpo, fundamentado na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação no ensino superior.

\*\*\*

A palavra educação veio do verbo latim *educare*, que tinha o sentido de “criar (uma criança), nutrir, fazer crescer”. Etimologicamente, poderíamos afirmar que educação, do verbo educar, significa “trazer à luz a ideia” ou, filosoficamente, fazer a criança passar da potência ao ato, da virtualidade à realidade. Já o vocábulo instrução, vindo também do latim, se prende ao verbo instruir. Nele, nos deparamos com a ação de equipar, ajustar e ordenar. Podemos entender esse ajustar e ordenar como camadas sobrepostas, tal qual um preenchimento de gavetas (Silva Martins, 2009).

Entendo que, para que o ensino superior caminhe efetivamente da instrução para uma educação que nutre e traz vida, a valorização da extensão universitária é fundamental. Extensão que se realiza no trânsito entre peles, fronteiras e territorialidades, que se faz na articulação entre saberes e fazeres acadêmicos e de experiência, capaz de gerar um percurso educativo criativo e disruptivo situado “*entre mundos*” e não “*para mundos*”. Uma caminhada de mão dupla: de dentro para fora e de fora para dentro, bem ao contrário da instrução, ensimesmada, unilateral e verticalizada.

Em um artigo chamado o “Dédalo e o Labirinto” (2015), Tim Ingold diz que se você é educado para saber demais sobre as coisas, há o perigo de ver seu próprio conhecimento ao invés das coisas em si. Ele argumenta que caminhar oferece um modelo de educação que, em vez de inculcar o conhecimento dentro das mentes dos(as) educando(as), os leva para fora, para o mundo.

Ingold toca em algo bonito e mobilizador: educar é estimular o trânsito dos(as) educandos(as) para o mundo lá *fora*, ao invés de inculcar o conhecimento dentro das suas mentes. Significa convidar o(a) aprendiz para dar uma volta, sair de sua posição ao deparar-se com outras, abrir-se a diferentes formas de ser, viver e conhecer que não as suas.

Nesse sentido, educar é sempre um verbo de movimento, que pressupõe práticas de deslocamento e, certamente, uma boa dose de *(ex)posição a ex-periências*. Aí está todo seu potencial e desafio. Ao resgatar os argumentos de Masschelein (2010b), Ingold defende que a educação no sentido de caminhar não tem nada a ver com objetivos tão comuns no ensino superior como “obter uma distância crítica” ou “assumir uma perspectiva” sobre as coisas. Diz ele:

longe de assumir um ponto de vista ou perspectiva a partir dessa ou daquela posição, o ato de caminhar continuamente nos remove longe de *qualquer* ponto de vista – de qualquer posição que possamos adotar. “Caminhar”, explica Masschelein (2010b, p. 278), “é colocar em questão essa posição; trata-se de *ex*-posição, de estar *fora-de-posição*” [...]. Não é que a exposição nos ofereça uma perspectiva ou conjunto de perspectivas diferentes [...]. Na verdade, ela não revela o mundo a partir de nenhuma perspectiva. A atenção do caminhante vem não da chegada a uma posição, mas de ser

constantemente apartado dela, do próprio deslocamento (Ingold, 2015, p. 27-28).

Mas, certamente, adotar essa observação inicial, curiosa, contínua, e um desaprender, para aprender e apreender, não é tarefa fácil. Quem pode dar algumas pistas para alcançá-la é o poeta pantaneiro Manoel de Barros que, não por acaso, tem suas poesias entoadas em cada uma das três partes que compõe este livro: prelúdio, interlúdio e poslúdio.

Para Manoel de Barros, a curiosidade inscreve-se no registro da infância; supõe um estado de aprendiz que tudo vê, tudo ouve, pega, prova e cheira. “Há muitas possibilidades na mente do principiante, mas poucas na do perito”, diz o mestre zen Shunryu Suzuki (1994, p. 20).

E a curiosidade, talvez mais do que qualquer outro atributo, pode possibilitar a educação como prática de (ex)posição. Se diante da terra e da cultura que nos transcende somos, muitas vezes, aprendizes um pouco desajeitados, o treino para a escuta, a observação e a interlocução respeitosa é fundamental para a construção de uma humanidade compartilhada, embora atenta às diferenças e desigualdades.

Do ponto de vista reflexivo, pode-se dizer que a educação – tanto quanto a extensão universitária –, compreendidas como práticas de (ex)posição, funcionam como princípios epistemológicos e cognitivos que vinculam-se à capacidade de relativizar o próprio ponto de vista, de promover um estranhamento autorreflexivo. Comporta, ainda, a desnaturalização de processos de violências e de violações, não apenas aqueles longínquos que se ouve falar, mas, sobretudo, aqueles que se instalam no cotidiano, nas palavras, nos gestos ou na omissão deles.

E como enfrentar o horror? A pergunta faz rememorar um diálogo entre Albert Einstein e Sigmund Freud. Era o ano de 1932. Ainda sobre os escombros da Primeira Guerra Mundial, e às vésperas da catástrofe da segunda, os dois trocavam correspondências. Quando perguntado por Einstein como seria possível deter o processo que leva à guerra, Freud respondeu que tudo o que favorece o estreitamento dos vínculos emocionais atua contra a guerra. Vínculos que podem ser construídos por meio do amor e da cultura, “palavras que nos apalavram” (Brum, 2019).

Nesse ponto, situa-se a grande aposta das ações de extensão aqui citadas: ao buscarem aprofundar a compreensão sobre práticas educativas participativas e plurais, tomam a potência do corpo e da palavra como alicerce e construção.

\*\*\*

Em razão de esta obra ter sido concebida com base em seleção de textos que se originaram tanto das exposições que seus(suas) autores(as) realizaram no decorrer das mesas redondas virtuais que integraram a Jornada Poéticas do Corpo quanto das repercussões que elas provocaram em termos de reflexões e elaborações, estima-se que a leitura dos textos aqui reunidos possa reservar contribuições na construção de um diálogo intelectual movido pela diversidade e pela compreensão da extensão universitária como ato de (ex)posição.

De fato, a coletânea é formada por contribuições de docentes, discentes e pesquisadores(as) vinculados à UnB, à Universidade Federal de Goiás e à Escola Parque da Natureza

de Brazlândia (Escola Pública de Ensino Básico situada no Distrito Federal) com diferentes formações e trajetórias.

Uma ideia central foi tomada como eixo organizador desta coleção: a de que formas de expressão humana como as artes, os saberes-fazer e a ciência são essenciais para cultivar pessoas, humanidades e contribuir para uma formação integral, dialógica e significativa de todas as gentes. Nessa caminhada, aceitamos o desafio de ler, ler-nos, reconhecer-nos e também de discordarmos, apoiados(as) nas calorosas recomendações de Marcel Prost (1989, p. 35) de que “a leitura é para nós iniciadora, cujas chaves mágicas abrem no fundo de nós mesmos a porta das moradas onde não saberíamos penetrar” e de Marilena Chauí (1994, p. 21), que nos lembra, retomando os gregos antigos, que pensar é promover um passeio na alma, “é aprender a pensar na esteira deixada pelo pensamento do outro. Ler é retomar a reflexão de outrem como matéria-prima para o trabalho de nossa própria reflexão”.

A antologia, composta por sete capítulos, além desta apresentação e das considerações finais, buscou seguir uma organização coerente com as mesas redondas que compuseram a Jornada Poéticas do Corpo, articulada em torno das seguintes temáticas: o corpo em trama; o corpo que cria; e o corpo que (se) conta.

A coletânea é inaugurada com um Prelúdio, entendido como uma peça introdutória que antecipa alguns temas e perspectivas, tal como as cigarras anunciam a chuva. Nele, encontra-se esta apresentação e uma reflexão sobre as possíveis conexões entre Arte, tempo, corpo e sociedade.

Em seguida, passamos para o Interlúdio, que celebra, por meio da palavra escrita, a diversidade de atos e cenas, de movimentos e passagens que compuseram as mesas redondas da Jornada: distintos olhares e abordagens, além de suas reverberações, sobre as poéticas do corpo que criam e transformam por meio do ensino, da pesquisa e da extensão.

Por fim, no Pós-lúdio, nos deparamos com o encerramento do percurso de escrita, embora com a abertura de um horizonte de indagações: como a extensão universitária pode contribuir para o diálogo de saberes? A resposta, longe de estar dada, é fruto do próprio caminhar educativo e se transforma, a cada dia, por meio da práxis dentro e fora da sala de aula.

Esta nota introdutória não poderia ser concluída sem antes agradecer a todas as pessoas que participaram desta jornada, seja por meio de uma participação direta, seja por meio do apoio carinhoso e diligente, dos questionamentos, das sugestões valiosas e do encorajamento. Registro um agradecimento especial ao Decanato de Extensão pelo apoio e confiança depositada no projeto e aos(às) autores(as), por compartilharem aqui suas ideias e reflexões.

## Referências

BARROS, Manuel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.

BRUM, Eliane. Doente de Brasil: como resistir ao adoecimento num país (des)controlado pelo perverso da autoverdade. *El País*, 2 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044\\_448590.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/opinion/1564661044_448590.html). Acesso em: 15 jan. 2023.

CHAUÍ, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças dos velhos*. São Paulo: Schwarcz, 1994. (Selo Companhia das Letras).

INGOLD, Tim. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 21-36, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/fGyCC7jgq7M9Wzdsv559wBv/?lang=pt>. Acesso em: 12 set. 2022.

MASSCHELEIN, Jan. E-ducing the gaze: the idea of a poor pedagogy. *Ethics and Education*, Abingdon, v. 5, n. 1, p. 43-53, mar. 2010a.

MASSCHELEIN, Jan. The idea of critical e-ducational research – e-ducing the gaze and inviting to go walking. In: GUR-ZE'EV, I. (ed.). *The possibility/impossibility of a new critical language of education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2010b. p. 275-291.

PROUST, Marcel. *Sobre a leitura*. Campinas: Pontes, 1989.

SILVA MARTINS, Evandro. A etimologia de alguns vocabulários referentes à educação. *Olhares & Trilhas*, v. 6, n. 1, 2009. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olharse-trilhas/article/view/3475>. Acesso em: 11 ago. 2022.

SUZUKI, Shunryu. *Mente Zen, mente de principiante*. São Paulo: Palas Athena, 1994.

A Editora UnB é filiada à



Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

# NARRATIVAS SOBRE O CORPO

## Educação, arte e sociedade

Que histórias o corpo conta? Como nossos corpos contam, dançam, imaginam, compartilham histórias? Narrativas sobre o corpo – educação, arte e sociedade não apenas procura responder a estas questões, mas convida o(a) leitor(a) a dialogar e a se “ex-por” às tramas do corpo, ao corpo que cria, ao corpo que (se) conta. Originada do projeto de extensão O mais profundo é a pele e das apresentações realizadas ao longo da Jornada Poéticas do Corpo, a coletânea conta com colaborações de docentes, discentes e pesquisadores(as) da UnB, da Universidade Federal de Goiás e da Escola Parque da Natureza de Brazlândia - DF, todos com distintas (e ricas) trajetórias e atuação em variadas áreas de conhecimento. Destes encontros nasceram sete capítulos, bordados pelas palavras de Manoel de Barros. Entre aprendimentos e ignoranças, os capítulos estão organizados entre Prelúdio, Interlúdio e Poslúdio. A boniteza deste processo de narrar o(s) corpo(s) reluz ainda mais porque acontece no âmbito de uma ação de extensão, provocando o trânsito entre universidades e escolas, “entre peles, fronteiras e territorialidades”, radicalizando a partilha entre saberes e fazeres diversos. Um livro feito de corpos e palavras, para seguirmos caminhando, aprendendo e narrando juntos.

**Luciana Hartmann**

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas/UnB.

EDITORA



**UnB**

